

# FETICHISMO COMO O POSSÍVEL DO DESEJO NO AROMA INCESTUOSO DE “O PERFUME DE ROBERTA”, DE RINALDO DE FERNANDES<sup>i</sup>

*FETISHISM AS THE POSSIBLE OF DESIRE IN THE INCESTUOUS AROMA OF “O PERFUME DE ROBERTA”, BY RINALDO DE FERNANDES*

Frederico de Lima Silva<sup>ii</sup>  

Hermano de França Rodrigues<sup>iii</sup>  

**Resumo:** Embora a noção de fetiche já se encontrasse presente no itinerário humano desde a Idade Média, ligada ao adjetivo em latim *facticius*, “fabricado” ou “coisa feita”, a associação enquanto termo é creditada ao escritor francês Charles De Brosses, a partir da observação de práticas religiosas comuns nas costas da África Ocidental, comumente denominadas pelos viajantes europeus dos séculos XVI e XVIII como feitiço, ganhando a conotação degenerescente após o seu resgate, em 1887, pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911) e, posteriormente, pela sexologia do século XIX. Apropriado por Sigmund Freud desde os momentos iniciais de sua teoria da mente, o fetichismo permanece sendo um componente das perversões e parafilias sexuais, mas também é reconhecido como um aspecto multifacetado e presente na dinâmica “normal” da sexualidade humana. Em seu conto “O Perfume de Roberta”, publicado em uma coletânea de mesmo nome, Rinaldo de Fernandes nos apresenta um protagonista que faz do fetiche um argumento para viabilização do seu desejo incestuoso. Tendo como baldrame teórico a teoria psicanalítica, o presente artigo busca elucidar o itinerário perverso do personagem de Fernandes, de modo que a análise dos códigos nos permita observar como o fetichismo aponta para a plasticidade no modo como lidamos com a angústia, a sexualidade e a busca incessante pelo prazer.

**Palavras-chave:** Rinaldo de Fernandes; fetichismo; literatura; psicanálise.

**Abstract:** *Although the notion of fetish has been present in human itineraries since the Middle Ages, linked to the Latin adjective facticius, “made” or “made thing”, the association as a term is credited to the French writer Charles De Brosses, based on the observation of common religious practices on the coasts of West Africa, commonly referred to by European travelers in the 16th and 18th centuries as witchcraft, gaining a degenerate connotation after its recovery in 1887 by the French psychologist Alfred Binet (1857-1911) and, later, by 19th century sexology. Appropriated by Sigmund Freud since the initial moments of his theory of the mind, fetishism remains a component of sexual perversions and paraphilias, but it is also recognized as a multifaceted aspect present in the “normal” dynamics of human sexuality. In his short story “O Perfume de Roberta”, published in a collection of the same name, Rinaldo de Fernandes presents us with a protagonist who uses fetishism as an argument to make his incestuous desire viable. Using psychoanalytic theory as a theoretical framework, this article seeks to elucidate the perverse itinerary of Fernandes’ character, so that the analysis of the codes allows us to observe how fetishism points to the plasticity in the way we deal with anguish, sexuality and the incessant search for pleasure.*

**Keywords:** *Rinaldo de Fernandes; fetishism; literature; psychoanalysis.*

**Submetido em:** 26.03.2024

**Aceito para publicação em:** 16.05.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

<sup>i</sup> Este trabalho representa uma ampliação de parte dos estudos apresentados na dissertação intitulada *Literatura e violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes*, defendida na Universidade Federal da Paraíba, em 2017.

<sup>ii</sup> Doutorando em Letras pela UFPB. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB – Edital 07/2021). *E-mail:* frederico.lima@academico.ufpb.br.

<sup>iii</sup> Doutor em Letras pela UFPB. Professor de Literatura do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (CCHLA-UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFPB). *E-mail:* hermanorgs@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A aproximação entre literatura e o pensamento freudiano existe desde antes dos primeiros escritos que compõem esse método de análise da mente, na chamada fase pré-psicanalítica, momento em que Sigmund Freud (1856-1939) recorreu à literatura, especificamente às de cunho mitológico grego, documentos por excelência do percurso civilizatório ocidental, para demonstrar como algumas de suas descobertas já se encontravam enrustadas na dinâmica social desde tempos indetermináveis, levando-se em consideração que a maioria das narrativas clássicas tinham suas raízes na tradição oral. No decorrer de sua extensa e profícua produção, o fundador da psicanálise nunca deixou de interpelar a arte escrita e os escritores certas particularidades que a eles eram tão facilmente diluídas em seus escritos, mas de tão custoso dispêndio para aqueles que se aventuravam a lançar luz no nebuloso horizonte anímico.

De Sófocles, Shakespeare, Goethe, Dostoiévski, Nietzsche, Schnitzler, Jensen e tantos outros artistas criativos, Freud evidenciou como suas narrativas contavam muito além do que histórias inventadas, pois, inconscientemente, suas produções artísticas também estavam carregadas de signos capazes de aludir questões particulares e coletivas que, diante de um olhar mais atento, expõem os dilemas, agruras, prazeres, desprazeres e vicissitudes como nenhuma forma de produção humana seria capaz de fazê-lo, não à toa, foi taxativo em diversas passagens da sua obra, ao argumentar sobre como a literatura constitui uma fonte de *insights* sobre o funcionamento da mente humana, tal quando contra-argumentou em relação àqueles que não entendiam a linha tênue que separava o escritor criativo de um cientista, afirmando ser enganoso acreditar que escritores não possuem uma habilidade similar àquela que, a duras custas, os pesquisadores adquirem: “A verdade, porém, é que o escritor verdadeiramente criativo jamais obedece a essa injunção. A descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência” (Freud, [1906-7] 1976, p. 50).

Ou quando, no discurso de agradecimento pelo recebimento do prêmio Goethe, em 1930, lido por sua filha, Anna, Freud mencionou o próprio escritor alemão em sua apologia à relação entre literatura e psicanálise, sublinhou que ele, Goethe, aproximou-se “numa série de pontos: identificou, através de sua própria compreensão interna, muita coisa que pudemos confirmar, e certas opiniões, que nos acarretam crítica e zombaria, foram por ele expostas como evidentes por si mesmas” (Freud, [1930] 1974, p. 241-242). De fato, o discurso de Goethe se abeirou, por diversas vezes, daquilo que a psicanálise fomenta enquanto prática

clínica, por exemplo, quando sublinhou, em seu texto *Uma palavra para jovens poetas* (s/d.), coisas como: “O homem precisa viver de dentro para fora, precisa fazer efeito de dentro para fora” (Goethe, s.d., p. 9-10 *apud* Freitas, 2001, p. 14.), ou ainda, “Apenas é preciso que cada um conheça a si mesmo, que saiba julgar a si mesmo” (Goethe, s.d., p. 9-10 *apud* Freitas, 2001, p. 10).

Nessas aproximações, Freud nos impõe uma meditação no que toca à capacidade da literatura, bem como dos escritores, de manejar a matéria anímica, inscrevendo-a, inconscientemente, nas suas tramas, cabendo ao analista, assim como fazem os teóricos e críticos literários, extrair das vielas dessas narrativas, os códigos necessários à interpretação, isto é, os porquês que levam um sujeito (paciente, na clínica; personagem na ficção) a formar sintomas, a claudicar na e por causa da cultura, assim como os reflexos desse mal-estar que se imprimem a cada parágrafo de suas vidas, esses também espelhos do caminhar de cada sujeito nos processos próprios de cada período histórico, de cada comunidade, haja vista que, embora existam conexões, a realidade de cada momento impõe um cenário singular, provido de particularidades que sinalizam a problemática do processo civilizatório.

Como integrante do que podemos chamar de realismo da violência pós-moderna, Rinaldo de Fernandes transcreve a inquietação tanto particular quanto coletiva do ser humano, sobretudo aquele residentes nos centros urbanos, massa que melhor descreve como a civilização opera sob o signo da desigualdade, da violência, da hipocrisia travestida em certos costumes, em que a família nuclear, seu “alvo preferencial”, mostra-se emblema dos conflitos internos e externos desse panorama caótico, como ilustrado na sua “trilogia do trágico familiar”, composta pelos romances *Rita no pomar* (2008), *Romeu na estrada* (2014) e *Eu não quis te ferir* (2022), todos substanciados por querelas familiares, as quais impulsionam seus protagonistas a direcionamentos que revelam “o risco de destruição do homem pelo próprio homem, sintetizado pelo pai do método psicanalítico através da célebre máxima do filósofo Plauto, “*homo homini lupus*”, isto é, o homem é o lobo do homem (Plauto *apud* Silva, 2022, p. 206-207).

Contudo, é nas narrativas breves, lugar que o projetou no cenário literário brasileiro, do qual parte a centelha criativa de seus romances, que Fernandes melhor se consolida, tal como nas palavras de Zilberman (2010), enquanto “um mestre do conto”. Desde a sua primeira coletânea de contos, intitulada *Negro* (1997, Editora da UFPB), até a mais recente, *A mulher que sequestrou Chico Buarque* (2024, Garamond), o autor mostra como a violência manifesta-se muito além da agressão física, ao exprimir como os dilemas da sociedade de consumo, perversa por excelência, alimenta e se faz alimentar pelo próprio adoecimento dos

sujeitos que a compõe, os quais, temendo a partícula destrutiva comum a todos os entes sociais, combate justamente aquilo que, em muitos casos, é alvo do seu maior desejo, mas, por não aceita-se como tal, lança quem o faz à marginalização.

Em “O Perfume de Roberta”, publicado numa coletânea homônima em 2005, vislumbramos justamente esse panorama, no qual o protagonista, homem, pai de família e membro da classe média paulista, percorre seu itinerário noturno costumeiro, no qual, com vistas a satisfazer seus desejos mais íntimos e perversos, toma uma jovem moradora de rua como objeto parcial de satisfação, negociando seu corpo por aquilo que ela mais necessita, de modo a encobrir, nessa teatralidade que carece da penumbra para se consumir, o seu real desejo, demasiadamente mais sombrio do ponto de vista do puritanismo burguês que ainda rege os contratos sociais.

Destarte, este artigo busca, por meio de uma articulação entre a literatura e os pressupostos psicanalíticos freudianos, analisar como o trânsito do desejo do protagonista da narrativa “O Perfume de Roberta” utiliza-se do fetiche como forma possível de articulação entre o desejo perverso que fomenta a sua ação e a instrumentalização, a colonização do outro, dinâmica a partir da qual obtém o gozo<sup>1</sup> que o sustem. Como lastro teórico, recorrer-se-á a estudiosos, sobretudo de linha psicanalítica e filosófica, que discorrem sobre a temática do fetichismo, como Freud (1905 e 1927) e Safatle (2010), bem como críticos da obra de Fernandes, tais como Castello (2005) e Silva (2014 e 2017).

## 2 FETICHISMO: DA RITUALÍSTICA TRIBAL AO CULTO OBJETAL

Debruçando-nos sobre a etimologia da palavra fetiche, verificamos que o seu uso deriva do francês *fétiche*, o qual, por sua vez, é uma tradução da expressão portuguesa feitiço, proveniente do latim *facticius*, isto é, “algo feito”, “fabricado”, cunhado a partir das incursões marítimas portuguesas ao litoral africano durante o período das descobertas/exploração colonial entre os séculos XVI e XVIII, mais especificamente, nos países cuja costa era banhada pelo Golfo do Benin, como a Guiné, numa tentativa de dar nome aos rituais dos povos nativos que se utilizavam de certas estruturas naturais como forma de representação das divindades, dos ídolos cultuados naquela região, assim como descreveu o explorador holandês Pieter De Marees (1605, p. 25), ao sublinhar que, na Costa do Ouro, o fetiche se tratava de um amontoado de palha que era amarrado aos braços e às pernas tanto como forma de proteção

---

<sup>1</sup> De acordo com Chemama (1995, p. 90), gozo diz respeito às “Diferentes relações com a satisfação que um sujeito desejante e falante pode esperar e experimentar, no uso de um objeto desejado”.

como elemento propiciador de chuvas, alimentos, encontrar ouro, atrair mercadores etc., mas se acredita que foi graças ao escritor francês Charles De Brosses (1709-1777) que o termo fetichismo se popularizou na Europa a partir da publicação, em 1760, da obra *Du Culte des Dieux Fétiches*, numa tradução livre, “Sobre o Culto aos Deuses Fetiches”, em que menciona o culto a objetos inanimados e animais que representavam ou abrigavam as entidades, os quais também possuíam poderes mágicos associados ao ser neles expressos (Pires, 2011, p. 67-68).

Em seu estudo, De Brosses apresentou como o fetiche compunha um ingrediente comum de inúmeras culturas, indicando, por exemplo, o culto fetichista entre os ameríndios, de Yucatán; os Apalaches, das Filipinas; do Caribe e dos polos; além dos antigos celtas; saxões; gauleses; francos; gregos e romanos (Pires, 2011, p. 68), com especial interesse pelos egípcios, que, segundo ele, seriam um dos povos mais fetichistas do mundo, pois sua religiosidade abrigava desde rios e plantas, até animais, caso, por exemplo, da serpente na mitologia egípcia, que se expressa em inúmeras divindades, como *Apophis* (também conhecida como *Apep*, era a personificação do caos e da escuridão. Sua luta contra o deus Rá simbolizava a batalha entre o bem e o mal, a ordem e o caos, a luz e a escuridão); *Wadjet* e *Nekhbet* (respectivamente, a deusa cobra do Baixo Egito, representada por uma coroa vermelha, e deusa cobra do Alto Egito, representada por uma coroa de cor branca, emblemas da união e da integralidade do Egito, responsáveis pela proteção do faraó); *Renenutet* (deusa da fertilidade, nutrição e da colheita, amplamente representada por meio de uma serpente ou de um híbrido de cabeça de serpente e corpo de mulher amamentando uma criança); *Uraeus* (serpente sagrada em posição de bote armado que adornava as coroas dos faraós, como signo de sua soberania, poder e divindade). Inclusive, De Brosses fez uma associação, no mínimo, intrigante acerca do culto da serpente no Egito e em outras religiões consideradas por ele também fetichistas, a começar pelo próprio continente africano, em que vários territórios, como o reino de Uidá (atual República do Benin), o qual cultuava a figura de *Dangbe*, uma divindade poderosa, atrelada à terra, à água e à fertilidade, ou seja, símbolos de abundância. Menciona também o culto a *Bel*, na Babilônia, frequentemente representado em sua associação a *Mushhushshu*, criatura configurada em corpo de serpente e cabeça de dragão. *Bel* é descrito na famosa passagem bíblica em que Daniel questiona o rei babilônico Ciro sobre o porquê de alimentar uma estátua, desperdiçando uma quantidade considerável de alimentos todos os dias:

Havia um dragão enorme adorado pelos babilônios. O rei disse a Daniel: “Você não vai me dizer que ele é de bronze; está vivo, come e bebe. Você não pode negar que é um deus vivo. Então, adore-o também”. Daniel respondeu: “Só adoro ao Senhor meu Deus, porque ele é o Deus vivo. Se Vossa Majestade permitir, eu mato este dragão sem espada e sem porrete”. O rei disse: “A licença está concedida”. Daniel pegou piche, sebo e crinas, cozinhou tudo junto, fez com aquilo uns bolos e jogou na boca do dragão. Ele engoliu aquilo e se arrebolou. Então Daniel disse: “Vejam o que vocês adoravam!” (Dn 14:23-27).

Embora se questione o nome de De Brosses em vários sentidos, não apenas como pioneiro no uso da expressão, mas também a forma etnocêntrica com que tratou o assunto, algo típico dos pesquisadores da época, foi por intermédio da sua obra que, no século seguinte, os sexólogos tomaram para si o termo, associando o fetichismo a uma forma perversa da sexualidade, portanto patológica. A medicina higienista do século XIX tratou de associar o fetichismo a diversas causas, dentre elas, má higiene, a prática de atividades sexuais degradantes e imorais, e a hereditariedade de afecções familiares persistentes, assim como prescreveram Charcot e Magnan (1882), no artigo *Inversion du sens genital*, em que destacam as características herdadas dos pais por um paciente analisado, que revelam “[...] a predisposição mórbida que ele mantém de seus pais: alucinações, obsessões de todos os tipos, impulsos, medos imaginários, emotividade extrema, tendências melancólicas, ideias de suicídio; não falta nada” (Charcot; Magnan, 1882, p. 317 *apud* Simião; Simanke, 2021, p. 168).

Nessa perspectiva psicopatológica, que tem na obra do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*, a sua maior cartilha, descreve-se o fenômeno como fetichismo erótico, manifestação patológica caracterizada por uma atração sexual fixante em determinada parte ou aspecto do corpo feminino<sup>2</sup>, assim como de um objeto a ele associado, a exemplo de cabelos, roupas, calçados entre outros acessórios, sem os quais o fetichista não consegue atingir a excitação necessária, ocasionando-lhe disfunção erétil, ou seja, é retirada desses objetos/características o seu caráter auxiliar, tornando-os elementos centrais da atividade sexual. Em sua celebrada enciclopédia de casos, o estudioso apresenta o fetichismo ao lado das chamadas parestesias sexuais ou ainda neuroses sexuais parestésicas, grupo de manifestações que englobam as perversões caracterizadas pela “excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados” (Krafft-Ebing, ([1886] 2000, p. 7). Na ótica do psiquiatra alemão, o fetiche exerceria uma espécie de charme, elemento responsável por ativar o instinto sexual do sujeito fetichista em direção ao encontro de um parceiro, fosse um detalhe físico

---

<sup>2</sup> O feminino aqui pontuado se deve ao fato de que o fetichismo era pouco ou quase nunca descrito em mulheres, o que levou a consideração, por muito tempo, de que se tratava de um fenômeno tipicamente masculino.

(partes do corpo) ou acessórios associados, os quais, assim como na relação entre feitiço e o fetichismo sexual, apresentado por alguns de seus contemporâneos, como Binet ([1882] 2014), serviria não apenas como um mero representante do signo que desperta a excitação, mas ele próprio, por isso a necessidade da sua presença no contexto do intercuro sexual.

Destarte, Krafft-Ebing ([1886] 2000) apontou que o fetiche estava presente em boa parte das manifestações psicopatológicas, sobretudo nas perversões que desbocavam em agressividade, evidente nos casos de sadismo fetichista, o qual desvelava uma tendência criminosa que não seria aplicada ao fetichismo em si, mas à sua associação com patologias como o sadismo, em que se poderia ter “uma saída incomum, na qual o fetichista, apesar da devoção extrema ao fetiche, sentiria desejos de destruí-lo” (Simião; Simanke, 2021, p. 179). O mesmo também ocorreu em relação ao masoquismo, que teve algumas de suas ocorrências interpretadas pelo psiquiatra como sendo da ordem do fetichismo, a exemplo dos fetichistas por sapatos, a quem o autor acreditava também serem masoquistas latentes, graças ao fato de não serem incomuns os relatos de prazer mediante o pisoteamento pelo parceiro sexual ou a submissão a lambar os calçados, independente do estado de limpeza em que se encontravam, isto é, existiam “fortes indícios de excitação pela humilhação que as ideias atreladas ao sapato trariam, mas o sapato teria se tornado um fetiche independente da influência masoquista” (Simião; Simanke, 2021, p. 180).

Com a fundação da psicanálise no crepúsculo entre os séculos XIX e XX, vemos seu principiator, Sigmund Freud, empregar muitas das terminologias desenvolvidas pela sexologia, com a diferença de que o neurologista vienense buscou retirar o caráter doentio absoluto que as perversões possuíam até então. Embora o fetichismo apareça sempre associado ao debate das perversões no decorrer da obra freudiana, dois de seus manuscritos se destacam por comportarem um olhar mais atento do psicanalista em relação ao tema. Nos seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud ([1905] 1972) apresenta as observações iniciais em torno do fetichismo, ainda com uma evidente influência dos pressupostos médicos fornecidos pela sexologia, situando o fetichismo no quadro das “Extensões Anatômicas”, em que estavam incluídas as perversões caracterizadas pelo desvio em relação à meta sexual, na qual ocorreria um extravio da meta sexual normal, orientada pelo encontro genital, que passa a ser renunciado em detrimento a um substituto anatômico que operara como alvo sexual, permitindo, assim, que o objetivo perverso seja consumado, mesmo que o fetiche seja caracterizado por uma “parte do corpo (tal como o pé ou os cabelos) que é, em geral, muito inapropriada para finalidades sexuais, ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e, de preferência, com a sexualidade dessa (por ex. uma peça

de vestuário ou uma roupa íntima)” (Freud, [1905] 1972, p. 154-155) ou, como infere Safatle (2010, p. 17), o fetiche corresponde, na visão de Freud, a um “exacerbar [de] determinados traços físicos ou espirituais de um objeto sexual, ou tomar como objeto sexual seres inanimados”.

Freud ([1905] 1972) salienta que essas características, diferentemente do que propunha a teoria hereditária degenerativa que antecedeu à psicanálise, tinha suas bases no período arcaico do desenvolvimento infantil, fruto de uma experiência que se resumiu a incrustação da sexualidade da criança em determinado objeto ou parte do corpo, servindo como referência a esse episódio traumático. Ao passo que estaria inclusa na vivência primitiva de todos os sujeitos, também se manteria, em menor grau, mas ainda sim atuante, na expressão sexual tida como normal nos adultos, constituindo-se enquanto patologia apenas naquelas conjunturas em que “o anseio pelo fetiche passa além do ponto em que é meramente uma condição necessária ligada ao objeto sexual e efetivamente *toma o lugar* do objeto normal, e, mais, quando o fetiche se desliga de um determinado indivíduo e se transforma no *único* objeto sexual” (Freud, [1905] 1972, p. 155, itálicos do autor).

Em 1927, o excelso analista reassume a temática, alargando e aprofundando sua interpretação mediante o acúmulo de conhecimento obtido ao longo de mais de duas décadas de clínica, asseverando que o fetiche era um instrumento simbólico que representaria um “substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar” (Freud, [1927] 1974, p. 180). Isso representou um marco no entendimento não apenas da manifestação fetichista, mas do fenômeno perverso como um todo, haja vista que, desse ponto em diante, o fetiche foi elevado à posição de signo direto da *recusa*<sup>3</sup> à lei paterna, portanto, da rejeição [*Verleugnung*] frente à ameaça de castração<sup>4</sup>, já que, sendo um substituto anímico do falo materno, serve como distintivo do triunfo perverso “sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela” (Freud, [1927] 1974, p. 181). O pai da psicanálise não se omite a discorrer também sobre o estranhamento da maioria das pessoas em relação à escolha do objeto fetichizado, haja vista não entenderem o porquê de sua especificidade, a qual, em muitos casos, não parece manter relação intrínseca com a cena sexual. A esse respeito, menciona que não existe uma evidente

<sup>3</sup> Para a teoria do desenvolvimento psicosssexual infantil freudiano, a *recusa* seria o operador específico das manifestações sexuais perversas, aos moldes de um mecanismo de defesa frente à angústia presente na descoberta da ausência do falo na mãe ou nas demais figuras femininas.

<sup>4</sup> A proposição de um temor de castração do menino por meio da figura paterna surge por meio da análise freudiana do caso “*Pequeno Hans*, onde se delineia a noção de complexo de castração, põe em primeiro plano, para o menino, a alternativa: possuir um falo ou ser castrado” (Laplanche; Pontalis, 2000, p. 179). É por meio da introjeção da ameaça de castração, empreendida pela função paterna, que são estruturadas as bases do superego, bem como o declínio do complexo de Édipo.

associação do fetiche com o objeto, a qual só encontra lugar no itinerário subjetivo do fetichista, desse modo, “o significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista” (Freud, [1927] 1974, p. 181). Por fim, medita sobre como o fetichista patológico, perverso por excelência, possui uma facilidade enorme de recorrer ao objeto erotizado, mediante ao qual não precisa se submeter à busca por um parceiro totalmente compatível, já que o alvo é o fetiche e não o corpo alheio, permitindo-lhe experimentar uma menor frustração, na certeza de que tem sobre sua posse, carrega sempre consigo o seu instrumento de prazer.

### **3 ROBERTA E ANA RITA OU O OUTRO ENQUANTO INSTRUMENTO PERVERSO DE RECUSA E DE SATISFAÇÃO SUBJETIVAS**

Lançada em 2005, a coletânea de contos *O Perfume de Roberta* congrega dezoito textos, entre relançamentos, caso do conto “Negro”, que também compôs o livro “O caçador”, lançado em 1997, e inéditos, tal como a obra homônima que dá título ao livro. Embora as narrativas possuam teceduras muito singulares, pode-se observar um ingrediente comum em todas elas, o qual é signo quase que imanente na literatura do escritor, a *violência*, matéria que, diluída em porções singulares em cada uma das tramas do autor, parece servir como fio que costura as sempre caóticas relações presentes no seu alfarrábio literário, como uma espécie de tradução das paisagens mais comuns das suas obras, os centros urbanos, locais onde a violência tem se mostrado, cada vez mais, uma figura onipresente. Destarte, a escrita da violência que serve como fibra do tecido narrativo de Rinaldo de Fernandes é, entre outras coisas, um documento, um atestado que ficcionaliza uma sociedade adoecida pela irremediável condição humana de não conseguir lidar, plenamente, com suas demandas subjetivas, que dirá do seu encontro com o outro e, conseqüentemente, com as suas particularidades, as quais lhe são ora ofensivas do ponto de vista da sua sustentação narcísica, ora são exploradas para delas se extrair um gozo individual, exploratório e perverso, que ganham diversas formas, já que existe, na violência estética de Fernandes, assim como na violência cotidiana, uma plasticidade inerente, a qual podemos considerar, na literatura desse autor, o seu núcleo, o seu órgão vital, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.

“O Perfume de Roberta”, no tocante à violência, surge como um dos contos mais distintivos do autor, pois está assentado em uma trama que mostra como ela, a violência, não se delimita às fronteiras da agressão física, mas de inúmeras formas, a depender de como seu

protagonista empreende sobre os demais o seu desejo. Na narrativa de pouco menos de oito páginas, somos apresentados a um narrador-protagonista, cujo nome não é mencionado, mas que, pela descrição que promove nos momentos iniciais, deixa evidente tratar-se de um homem de meia idade<sup>5</sup>, advogado público e membro da classe média paulista. Aqui, defrontamo-nos com uma das características das narrativas curtas de Fernandes, a de

[...] não definir as características dos personagens. O desenrolar da narrativa é que vai identificando-os. Este recurso simples e corriqueiro nas mãos do contista converte-se num emaranhado de possibilidades que tornam o leitor co-autor das narrativas. Não apenas decifrar o signo encoberto, mas saber fazê-lo com os meios que o conto oferece. Daí a co-autoria. Daí a satisfação em ler e reler os contos. sempre com a intenção voltada para novas descobertas (Neto, 2006, p. 6).

Em sua primeira fala, o protagonista transparece um cenário doméstico sem grandes destaques, mas que, para o entendimento de parte das motivações daquilo que decorre ao longo da narrativa, parece-nos de valor considerável, já que as histórias escritas por Fernandes costumam ter como núcleo propiciador alguma desordem nas relações familiares. Ao acordar, o personagem nota que está “com a mão segurando o seio de minha mulher. Está escuro, apenas um fiozinho de claridade vindo do quarto de minha filha Roberta e entrando por baixo da porta. Minha mulher se vira quando sente minha mão apalpando-a” (Fernandes, 2005, p. 107). Esse fato, aparentemente banal, denota não apenas a sutileza de uma relação conjugal fria, que ganha ainda mais expressão ao apontar a escuridão que cerca a cena, mas também o contraponto da claridade vinda do quarto da sua filha, Roberta, que pressupõe foco de atenção, para o qual o protagonista se dirige logo em seguida:

Vou ao quarto de minha filha, abro o guarda-roupa com cuidado, apanho a roupa e o perfume dela. Entro no banheiro, escovo os dentes, me visto e me penteio. Chego até a cozinha, pego um saco de supermercado, faço um pacote com o casaco, a calça e o perfume de Roberta. Antes de sair, ainda me encosto um pouco na porta do quarto, fico escutando-a dormir (Fernandes, 2005, p. 107).

O contexto de aparente amabilidade do personagem, ao aludir seu olhar de cuidado e ternura paternos no final da citação, dão um tom de afeição e escrúpulos ao sujeito, emblema que vai decaindo à medida em que ele começa a apresentar os primeiros códigos de um rotina clandestina, tácita aos olhos da sua família e da sociedade como um todo, que se mantém escusa, em parte, graças à corrupção do porteiro encarregado do condomínio em que o narrador reside, o qual já possui uma diegese pronta para o caso de ser questionado sobre o

---

<sup>5</sup> Às vésperas de sua conclusão, o conto evidencia se tratar de um homem de quarenta e seis anos.

porquê das saídas habituais do morador em um horário pouco convidativo às atividades socialmente prestigiadas, evidenciando não apenas uma conduta perversa por parte do protagonista, que garante, mediante suborno, o anonimato do seu roteiro, mas também do porteiro, cuja ética da profissão deixa de ser levada em consideração mediante uma gratificação pecuniária com finalidade, digamos, “ilícita”. Nesse ponto, cabe-nos uma menção ao fato do capital estar a serviço da corrupção dos sujeitos, isto é, no qual o indivíduo ou grupo sempre se apoia para fazer do menos favorecido economicamente um agente desse múnus que, apesar de parecer benéfico para ambos, expõe a um risco demasiadamente menor aquele que detém mais recursos financeiros, já que o dinheiro, fetiche maior do capitalismo, põe o ser humano diante do mal radical abordado por Freud ([1930] 1974), posteriormente retomado por Lacan ([1959-60] 1985) e reforçado por Soler (2011), que traça uma linha limítrofe entre duas dimensões paradigmáticas da existência humana em sociedade: o gozo e a lei.

O protagonista segue pelas ruas frias de São Paulo, sempre deixando notável a sua familiaridade com o percurso, assim como em relação ao local em que para, o bar e restaurante Jumbo, que só mostra certa contradição ao percebermos o nervosismo, somatizado sob a forma de tremores – “Eu tremo, sempre fico assim quando venho” (Fernandes, 2005, p. 108) –, que o local também provoca na personagem, o que rapidamente se descobre não se tratar do ponto em si, mas de um outro, em que, de fato, estava o fruto de toda a sua inquietude, conforme sinaliza: “Noto que eles estão lá, embolados embaixo dos cobertores, e hoje por ali parece mais escuro. É sempre um pouco difícil eu andar para perto deles, fazer o reconhecimento (Fernandes, 2005, p. 108). São moradores de rua aqueles a quem o protagonista se refere, os quais se encontram deitados ao longo de uma praça; local para o qual o narrador se dirige assim que toma um uísque. Atravessa uma praça, indo em direção aos moradores de rua que se fazem do viaduto do Minhocão o seu abrigo. Ao encontrar-se em meio àqueles indivíduos, mostra sua indiferença ao contar a quantidade não de pessoas, mas de corpos espalhados pelos canteiros: “Vou passando pelos corpos deitados no chão, os cobertores arroxeados, um pé de fora com nódoas. Confiro dez corpos nesse trecho” (Fernandes, 2005, p. 108). Adiante, encontra-se com a personagem que faz parte do seu cotidiano escuro:

Lá na frente, na coluna com o olho desenhado com tinta preta, é onde ela costuma ficar. As duas criaturas de sempre — duas velhas de cabelos duros, empoeirados — estão ali perto dela. Já disse para ela ficar adiante, na parte mais clara e sem ninguém, tanto lugar mais apropriado nessa cidade. Me aproximo, olhando pros

lados. Ela está na penumbra e, após ir e voltar duas vezes, fingindo ler os cartazes nas colunas, me abaixo sobre o corpo dela, puxo-lhe o cobertor. Ela arregala os olhos, ergue a cabeça. — Ai, que susto! — diz. Ela tem os cabelos caindo pelo pescoço e eu tremo. — Vamos — digo. Enquanto ela arruma os cabelos, põe o cobertor e uns panos numa mochila, vou até o Jumbo, pego o carro (Fernandes, 2005, p. 108).

Notemos que, na citação acima, o protagonista diz novamente tremer, mas, desta vez, o tremor não parece associado a uma espécie de medo de ser visto, mas em relação à ansiedade diante da personagem e da conseqüente possibilidade de satisfação do desejo, assim como ponderou Freud ([1916] 1976) acerca dos sintomas que surgem diante do impasse entre o desejo e a censura. Nas palavras do autor:

As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado. É por essa razão, também, que o sintoma é tão resistente: é apoiado por ambas as partes em luta. Também sabemos que um dos componentes do conflito é a libido insatisfeita, que foi repelida pela realidade e agora deve procurar outras vias para satisfazer-se. Se a realidade se mantiver intransigente, ainda que a libido esteja pronta a assumir um outro objeto em lugar daquele que lhe foi recusado, então a mesma libido, finalmente, será compelida a tomar o caminho da regressão e a tentar encontrar satisfação, seja em uma das organizações que já havia deixado para trás, seja em um dos objetos que havia anteriormente abandonado. A libido é induzida a tomar o caminho da regressão pela fixação que deixou após si nesses pontos do seu desenvolvimento (Freud, [1916] 1976, p. 420).

Em um sujeito estruturalmente perverso, esse conflito não encontraria lugar no seu discurso anímico, haja vista que a obtenção de prazer mediante a denegação da castração é uma força que tampona as forças censuradas do seu superego já fragilizado, bem como os barramentos impostos pelas leis civilizatórias, o que nos leva a meditar em relação à forma com que o protagonista se expressa subjetivamente, dando a entender não se tratar de um perverso estrutural, mas de um neurótico tomado por uma manifestação perversa. Enquanto um indivíduo neuroticamente estruturado empreenderia um movimento frente a uma reconciliação com a lei, em que “o desejo é satisfeito, tendo em vista que o sintoma é substituto de uma satisfação impossível de ser alcançada, e a censura também se faz presente, na medida em que o conteúdo inconsciente se revela de maneira distorcida, condizente com os preceitos morais” (Canavêz; Herzog, 2007, p. 120), aquele que se encontra enredado pela manifestação perversa, busca uma forma de satisfação ao desejo censurado, mesmo que para isso recorra a uma ética própria da perversão, na qual a impossibilidade de consumação do desejo lança mão de artifícios para obtenção do gozo, lugar de atuação do fetiche, mesmo que isso represente uma falta quanto aos preceitos comunitários, o que vemos ocorrer no

prosseguimento da narrativa, nas marcas distintivas do comportamento perverso que ganham espaço em detrimento ao medo de ser descoberto, como o caráter pouco afável do protagonista em relação à moradora de rua, expresso no modo como a conduz para o interior do seu veículo, segurando-lhe a mochila e empurrando-a para o banco de trás (Fernandes, 2005, p. 109).

Silva (2017, p. 155), ao analisar o comportamento com certos tons de truculência do protagonista, alude ao fato de que, embora as escolhas objetivas sempre partam de uma relação de reconhecimento em relação à sua escolha, no caso daqueles mediados pelo funcionamento perverso, essa escolha sempre estará pautada em uma égide autocentrada, narcísica, em que o outro nunca ocupa o lugar acima da sua necessidade de gozo. Não à toa, a narrativa destaca como o protagonista vangloria-se inúmeras vezes por mentir e por fazer a moradora de rua crer em suas mentiras: “— Por que tu não veio na semana passada? — ela quer saber. — Estive viajando — minto” (Fernandes, 2005, p. 109), ou quando ela afirma tê-lo esperado durante toda a semana anterior, e ele diz que: — O gerente da transportadora me mandou ao Rio — minto de novo, não trabalho em transportadora” (Fernandes, 2005, p. 110). Atentemos para o fato de que a mentira não é uma prática exclusiva dos perversos, já que desde neuróticos até borderlines também se encontra nessa teatralidade, todavia, para aqueles, a mentira é uma ferramenta importantíssima, já que o seu sucesso só é efetivo quando existe a certeza de que se está tirando proveito do seu parceiro, mesmo que isso incorra em prejuízos para ele (Silva, 2014, p. 32-33), nesse sentido, assim como argumenta Bion ([1970] 1973, 114), em seu estudo intitulado *Atenção e interpretação*, “a mentira não se restringe ao domínio do pensamento, mas tem sua contrapartida no domínio do ser”, ou seja, passa de uma mera estratégia para um modo de sustentação perversa, o qual parece prevalecer na chamada sociedade líquida pós-moderna, onde o “verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo” (Bauman, 2007, p. 10).

Na tessitura dessa sociedade de laços fragilizados, Bauman (1998) acentua como os entes contemporâneos são caracterizados pela instabilidade que surge em decorrência da angústia, do vazio preenchido pela solidão individualista, que se reflete na estranheza frente ao outro, embora esse seja seu “semelhante”, tomando-o como entidade digna de valor apenas quando ele pode ser usado como objeto de consumo. Castello (2005, p. 173), em comentário crítico sobre a obra, argumenta como a relação entre o narrador e a moradora de rua se conjuga pela frieza, “o que não significa dizer que não estejam ali. A culpa é alijada pelo desejo, como costuma acontecer nos amores rápidos e nas situações em que o perigo é tão

importante quanto o prazer”. Na narrativa de Fernandes (2005), essa compreensão consumista ganha delineamento quando começamos a entender o porquê da escolha do protagonista pela moradora de rua, algo que ocorre quando ele a traveste com a roupa e, sobretudo, o perfume de Roberta, sua filha.

Entro na rua estreita, onde há o terreno baldio ao lado do velho depósito em construção. [...] Passo-lhe o pacote, ela desce calada do carro, caminha na direção do depósito, vai para detrás de uma parede. Fico observando pelo retrovisor se aparece alguém. Em poucos minutos ela surge da penumbra, vestida na roupa que eu trouxe, a que estava usando no saco. Entra no carro, o frasco de perfume no bolso do casaco. Ela fica bem nessa roupa de Roberta [...] (Fernandes, 2005, p. 109).

Por meio do trecho acima citado, dar-se a entender que o protagonista faz com que a moradora de rua utilize as roupas da sua filha como uma forma de torná-la aceitável do ponto de vista social e sexual, ideia reforçada logo em seguida, já que ele a leva a uma lanchonete na região da Lapa. Aqui, descobre-se não apenas o nome falso que o protagonista utiliza nos encontros com a moradora de rua — “eu falei para ela que me chamo Pedro” (Fernandes, 2005, p. 110) —, como também os indícios daquele que é o real motivador do uso da vestimenta e do perfume da filha, ao invés de comprar roupas e perfumes novos. Na passagem abaixo, refletamos sobre como Fernandes sutilmente deixa implícito a incongruência entre o fedor do rio, em alusão ao contexto fétido em que a relação se constrói, e o aroma não da moradora de rua, mas da sua filha se coloca como atenuante, viabilizador daquela circunstância:

— Esse rio fede, não? — eu digo.

— É.

Pego-lhe de novo na mão. *O perfume de Roberta* (ela manuseou o frasco) penetrou na sua pele, *deixou-a agradável*. Levo a mão dela ao nariz, beijo-a. Ela parece contente (Fernandes, 2005, p. 110, *itálicos nossos*).

A partir desse ponto, já é possível compreender que o alvo sexual do protagonista não é a moradora de rua, e sim a sua própria filha, a qual é transportada para a cena mediante o uso da sua roupa e do seu perfume. Como dito anteriormente, o narrador não comporta indícios taxativos de uma estruturação perversa, por isso que para ele, assim como prescrevem as convenções civilizatórias, o incesto confunde a autoridade familiar, o que torna necessário um estatuto da proibição do intercuro sexual entre membros de uma família. No entanto, como o imperativo do gozo também se encontra exercendo a sua força no arranjo subjetivo desse sujeito, o fetiche surge como contrapartida a essa interdição. À vista disso, observemos como o personagem age em relação à moradora de rua com uma habitual espécie de “empatia

egocêntrica”, dando a entender estar sensibilizado pela necessidade alimentar que ela possui, a qual se entrelaça à sua própria urgência de satisfação:

Sei que ela me espera porque tem fome. *E é também por isso que não perco tempo e, fechando a curva de vez, entro no motel. Quando chegamos à meia-luz do quarto, peço que ela vá logo ao banheiro. Ela vai, entra no chuveiro, eu levo-lhe o perfume. Passo os olhos no cardápio, interfono pedindo um prato. Ela sai do banho nua, os cabelos molhados parecendo os de Roberta quando mais nova. As coxas brilham à luz amarela do box. Eu tremo* (Fernandes, 2005, p. 110, itálicos nossos).

No quarto de um motel, dar-se o cenário perverso em que os desejos de ambos são consumados; por um lado, o desejo incestuoso do protagonista, que, ao impor à moradora de rua a utilização do perfume de Roberta, transporta-se, simbolicamente, para aquela dinâmica, mantendo, mediante o fetiche, a relação sexual possível com a filha; por outro, o da moradora de rua, que descobrimos, já no final da narrativa, possuir dezessete anos e se chamar Ana Rita, cuja exiguidade se traduz não em um prazer propiciado na relação sexual com o protagonista, mas no gozo decorrente da saciação de sua fome; ambas as demandas brilhante e grotescamente descritas pelo autor nos seguintes fragmentos:

A campainha toca, abro a portinhola, apanho a bandeja com a comida. Ana Rita se levanta, põe o casaco, se senta na mesinha. *E come com vontade, é isto que ela mais quer, comer, traçar o frango assado, se empanturrar com o macarrão, beber o suco com gosto. E Ana Rita está linda assim, comendo e bebendo, os cabelos molhados lembrando os de Roberta mais nova, o casaco pregando-se aos seios. E, vendo as coxas dela com algumas gotas, eu sinto novamente vontade e me encosto outra vez em Ana Rita, me debruço sobre o seu corpo, ela comendo com sabor, eu tomando-a pelo busto, ela mordendo o frango, eu já duro, roçando-me nas costas dela, ela dizendo espera aí, deixa eu comer primeiro, eu lambuzando-a com o meu líquido, outra vez a vontade doida, ela metendo o tomate na boca, eu me dobrando, o loiro do filme empurrando tudo na japonesa, eu me dobrando mais, fazendo Ana Rita se erguer um pouco e depois ir caindo nas minhas pernas, Ana Rita mastigando e eu me enfiando embaixo dela, ela mastigando e já sentada em mim e eu penetrando-a fundo de novo, ela mastigando, eu fungando, ela mastigando, eu fungando, e afinal gozando, derramando muito, ah, que perfume!* (Fernandes, 2005, p. 112-113, itálicos nossos).

Corroborando o entendimento crítico de Castello (2005), Fernandes (2005) não recorre a um lirismo ou lacrimosidade ao apresentar o panorama supracitado, estrato comum da sua estética visceral, na qual exime-se do eufemismo enquanto artifício apaziguador, em nome da crueza que reflete o caráter igualmente inclemente das relações humanas, sejam elas de ordem sexual ou de qualquer outra na sociedade dos laços fragmentados. Por conseguinte, o teatro sexual presente na narrativa de Fernandes (2005), muito embora evidencie uma supremacia do capital sobre como os laços se constituem na pós-modernidade, levando-se em conta que

talvez o itinerário concupiscente do narrador não encontrasse em Ana Rita um instrumento de concatenação fetichista se ela não se encontra à mercê da disparidade social, tanto o protagonista quanto Ana também podem ser vistos como “sócios em uma empreitada na qual seus desejos se encontram, mas também se desencontram. Ele em busca do gozo rápido, ela só de um prato de comida” (Castello, 2005, p. 173).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O Perfume de Roberta” é uma narrativa que apresenta as circunstâncias da escrita da violência de Fernandes, a qual se manifesta em sua esfera menos brutalista, mas nem por isso ausente do mal-estar que incide sobre os integrantes da sociedade do capital, na qual o consumo de objetos de satisfação passa a contemplar ainda mais o outro como acessório do mecanismo fetichista, a ser consumido para obtenção de gozo.

Em sua narrativa do incesto, Fernandes (2005) expõe uma relação baldrameada por uma montagem perversa, o que nos impõe a reflexão de que há, necessariamente, um acordo entre os sujeitos que a compõem. Nela, o narrador tanto pode ser percebido como um indivíduo que, de um ponto de vista moralizante, é susceptível de ser elencado como insígnia do mal, porque o seu trajeto é regido unicamente por uma busca onipotente pela autossatisfação, enquadre em que Ana Rita é utilizada apenas como ferramenta desse circuito fetichista, mas também como um sujeito que, pela própria averbação do fetiche, demonstra um engenho inconsciente com vistas a se manter incluso nas prerrogativas sociais — levando em consideração que ele age com base em uma espécie de “sublimação”<sup>6</sup> perversa —, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, está à sua margem, já que o fetiche é, por excelência, uma expressão da tentativa de desmentir a castração simbólica operada pela autoridade paterna e, por conseguinte, das instituições que assumem tal posição na entrada do sujeito na suposta maturidade psicosssexual, isto é, de tamponar o malogro narcisista da falta, da impossibilidade de satisfação plena.

Assim como quem corrobora com as postulações freudianas sobre a capacidade singular do escritor criativo de buscar nos confins da alma, de maneira inconsciente, os conteúdos mais íntimos da inquietante natureza humana, Fernandes (2005) faz de seu

---

<sup>6</sup> Laplanche e Pontalis (1991, p. 495) afirmam que Freud desenvolveu o termo sublimação para “explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”.

narrador-protagonista alguém que lança mão do fetiche para realocar um desejo proibido para uma plataforma outra, capaz de lhe permitir, mesmo que por meio da tartufice de uma impostura perversa, a manutenção da lei familiar, ao passo que, tautócrono, satisfaz o seu impulso desviante, em um existo que acaba por sustentar a imutabilidade do seu engodo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. [Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. [Tradução de Carlos Alberto Medeiros]. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BINET, Alfred. (1888). *Le fétichisme dans l'amour*. Paris: FV Éditions, 2014.

BION, Wilfred Ruprecht. (1970). *Atenção e interpretação*. [Tradução de C. H. P. Affonso]. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

CANAVÊZ, Fernanda; HERZOG, Regina. A singularidade do sintoma: por uma crítica psicanalítica à idéia de origem. *Psicologia Clínica*, v. 19, n. 1, p. 109–124, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/hY9Ztmj9DVPTtbM9fMkpdw/?lang=pt>. Acesso em 23 mar. 2024.

CASTELLO, José. Comentários críticos. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*. [Tradução de Francisco Franke Settineri]. — Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

DE BROSSES, Charles. *Du culte des Dieux Fétiches ou Parallèle de l'ancienne Religion de l'Égypte avec la Religion actuelle de Nigritie*, 1760.

DE MAREES, Pieter. *Description et récit historial du riche royaume d'or de Guinea, aultrement nommé la Coste d'or de Mina, gisante en certain endroict d'Africque...* Amsterdam: Cornille Claesson, 1605.

FERNANDES, Rinaldo de. *O Perfume de Roberta*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREUD, Sigmund. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*.

Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 121-237.

FREUD, Sigmund. (1906-1907). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão]. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 13-96.

FREUD, Sigmund. (1916). Os Caminhos da Formação dos Sintomas. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão]. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 419-439.

FREUD, Sigmund. (1927). Fetichismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 173-185.

FREUD, Sigmund. (1930). O prêmio Goethe. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. [Tradução sob a supervisão de Jayme Salomão]. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 237-248.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia Sexualis*. [Tradução de Claudia Berliner] São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LACAN, Jacques. (1959/60). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*; sob a direção de Daniel Lagache; [Tradução de Pedro Tamen]. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NETO, Amador Ribeiro. Mar de contos: Rinaldo de Fernandes revela cuidado com descrições precisas. In: *Jornal do Brasil*. Caderno "Idéias", Rio de Janeiro. Edição de 28 de março de 2006.

PIRES, Rogério Brittes W. (2011). Pequena história da ideia de fetiche religioso: de sua emergência a meados do século XX. *Religião & Sociedade*, v. 31, n. 1, p. 61-95, 2011. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872011000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/PRTfJ7b4DN6YSqwQjdJ5D3K/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SAFATLE, Vladimir. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SILVA, Frederico de Lima. *Da letra ao inconsciente: dimensões do desejo perverso*. Monografia (Graduação em Letras- Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. - João Pessoa, 2014.

SILVA, Frederico de Lima. *Literatura e violência: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes*. 2017. 205 f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, Frederico de Lima. Rinaldo de Fernandes e a inquietante escrita do mal. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 205-211, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8048120>. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/769>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SIMIÃO, Anna Rita Maciel; SIMANKE, Richard Theisen. Extrato de estudo em História da Psiquiatria: o fetichismo na *Psychopathia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 24, n. 1, p. 164–187, jan. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n1p164.9>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/tf7L4t8SjqVy39jwYSyH8cz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SOLER, Colette. O Discurso Capitalista. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55-67, maio de 2011. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/816/513>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ZILBERMAN, Regina. Mestre do conto (Pós-fácio). In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Professor de Piano*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 94.